

Para além dos muros da escola

Maria Fernanda Lamim
Mestranda em Teatro - PPGEAC - UNIRIO
Bolsista EPF
Orientação: Isabel Penoni

RESUMO

O presente artigo investiga processos colaborativos de montagem teatral em escolas municipais do Rio de Janeiro, assim como a circulação dos espetáculos resultantes daqueles processos para além dos muros institucionais, por meios de iniciativas da Secretaria Municipal de Educação como o FESTA, a Mostra de Dança e o FECEM. A premissa de base do texto é uma concepção da escola não apenas como consumidora, mas também como produtora de arte e cultura. Pretende-se com isso contribuir para estudos e práticas que fortaleçam a produção teatral na rede municipal, fomentando a sua circulação por aparelhos culturais da cidade.

Palavras-chave: Teatro escolar; teatro em comunidades; processo colaborativo

ABSTRACT

This article investigates collaborative processes of theatrical production in municipal schools in Rio de Janeiro, as well as the circulation of shows resulting from those processes beyond institutional walls, through initiatives of the Municipal Department of Education such as FESTA, Mostra de Dança and FECEM. The basic premise of the text is a conception of the school not only as a consumer, but also as a producer of art and culture. The aim is to contribute to studies and practices that strengthen theatrical production in the municipal network, encouraging its circulation throughout the city's cultural apparatus.

Keywords: School theater; theater in communities; collaborative process

O Festa 2019 , os grupos e a plateia

Outubro de 2019. Acontecia a segunda edição do FESTA – Festival de Teatro dos Alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Eu estava na plateia, com o grupo de teatro que dirijo na Escola Municipal Malba Tahan. A plateia era formada majoritariamente por alunos e professores da Rede, e

lotava um teatro de mais de 300 lugares. Então, algo chamou a minha atenção: o silêncio.

Não era o silêncio educado de quem tem medo de ser chamado a atenção, ou de ser punido por “conversar na hora errada”. Era um silêncio concentrado, focado, produzido por mais de 300 espectadores respirando junto com o espetáculo – uma adaptação de “Capitães de Areia” feita pelo grupo do Núcleo de Arte Silveira Sampaio¹. Era o silêncio profundo de almas e mentes conectadas com o que estava acontecendo no palco.

Passamos o dia assistindo espetáculos das onze CREs (coordenadorias regionais de educação), de escolas de diferentes lugares da cidade, com diferentes realidades. E não foi difícil reconhecer aspectos em comum, não apenas entre as obras apresentadas, mas na própria experiência de apresentação e recepção daqueles trabalhos.

O primeiro deles: quase todos os espetáculos eram autorais e fruto de processos colaborativos. Essa informação estava presente no programa do festival e se confirmava nas falas da maior parte dos professores responsáveis pela inscrição dos grupos. O que assistíamos no palco eram as ideias e vivências de alunos do Ensino Fundamental I e II, ainda que inspiradas por um texto ou pelas provocações e propostas do professor/orientador.

E ainda: a experiência de sair da escola para se apresentar e assistir outros colegas em um ambiente novo impactava aqueles estudantes. Ocupar espaços para além dos muros da escola, trocar com grupos de outros espaços da cidade, produzia neles um tipo especial de atenção, engajamento, de entusiasmo (bell hooks, 2015).

Depois daquele dia, passei a nutrir o desejo de investigar mais a fundo a relação entres aqueles fatores. Como se davam os processos colaborativos nas diferentes escolas participantes do FESTA? Em que medida a apresentação e recepção de espetáculos criados a partir de processos colaborativos, que portavam visões e vivências pessoas dos próprios alunos, tornava a experiência do FESTA especial?



*Figura 2: plateia na primeira fase do FESTA 2019, no auditório da EM Malba Tahan.
Foto por Viviane Passos.*

¹ *Capitães da areia por elas*, espetáculo de 2019 do Núcleo de Arte Silveira Sampaio. O Núcleo de Arte pertence à sétima CRE, e fica em Curicica, zona oeste do Rio.

Processo colaborativo, dramaturgia compartilhada e espaço escolar

O termo “processo colaborativo” que usamos neste artigo corresponde àquele que no contexto da atividade profissional de grupos e companhias de teatro abrange processos em que há participação do coletivo e ao mesmo tempo as funções criativas se mantêm delimitadas (direção, atuação, dramaturgia).

Considerando o ambiente da escola, em que se observa uma divisão incontornavelmente hierárquica de papéis, parece-me mais adequado utilizar o termo processo colaborativo, do que o de “criação coletiva”, já que segundo Araújo (2002), na criação coletiva haveria o desejo de diluição das funções artísticas ou, no mínimo, de sua relativização. Diferentemente, no processo colaborativo as funções são mantidas, embora nenhuma delas seja tratada como mais importante do que outra. Ou seja, há uma perspectiva de horizontalização entre os diferentes papéis, conectando esse modo de criação às práticas pedagógicas utilizadas por professores de teatro da Educação Básica, ainda que no contexto de ensino as hierarquias entre os diferentes papéis sejam menos flutuantes (Araújo 2002) do que no contexto profissional.

Uma característica marcante das práticas colaborativas no contexto profissional que se associa especialmente aos processos pedagógicos na sala de aula é que os textos não são criados separadamente do processo de criação do espetáculo, e sim durante os ensaios. “Tudo se desenvolve no palco, ao longo dos processos de criação” (WERNECK, 2015, p. 24). A criação dramática ao longo dos ensaios possibilita um permanente diálogo com as questões e posicionamentos dos atores-alunos. Essa prática do teatro profissional dialoga com o cotidiano do ensino do teatro na Educação Básica, que busca, há alguns anos, colocar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem.

Cabe ressaltar aqui que o Teatro como componente curricular, inserido na grade de horários do cotidiano escolar, tem seu lugar como área do conhecimento, mas também como conteúdo latente. Isso tem nos levado muito além do compromisso em desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, ou as ferramentas da voz, do gesto, e a autoconfiança – habilidades largamente trabalhadas nas aulas de Teatro na Educação Básica. Consolidar o Teatro como área de conhecimento e conteúdo latente passa por descolonizar a relação bancária entre professor e aluno, e por romper com os muros físicos e estéticos, como afirma Augusto Boal (1975, p.10). Nesse sentido, os modos colaborativos podem ser bastante eficazes, pois se trata de transferir a agência da produção teatral do individual para o coletivo, como afirma Trotta (2008):

Na medida em que o teatro vai deixando de ser definido como a encenação que melhor corresponde a uma dramaturgia, e conforme já não se trata de decifrar e desvelar os novos textos, e que o teatro e o público parecem finalmente aceitar que o “novo” pode surgir da própria cena, só então o trabalho criativo do diretor se volta para o processo. Tal transformação será fundamental para a ideia de autoria coletiva: não apenas a concepção que anima e dá sentido à criação cênica antecede a escolha do texto, mas o processo de construção e desconstrução teatral se transfere do

papel para a cena, do isolamento para o coletivo (2008:35).

Esse foi o caminho de mais de um espetáculo do grupo Ainda em Aberto, dirigido por mim na EM Malba Tahan: do isolamento para o coletivo, do improviso em grupo para a cena, da criação cênica para o texto. Foi também o caminho de outras produções nas edições de 2018 e 2019 no FESTA, como: *Fale sobre mim*, da professora Luiza Rangel, *Trovoada*, da professora Alessandra Biá, *Salada mista*, da professora Júlia Dutra, e *Jovens Urbanos*, do professor Leo Ferreira, para citar apenas alguns exemplos de trabalhos que pudemos assistir no Festival.

Há ainda um outro elemento importante: no âmbito do teatro produzido nas escolas municipais, partir das histórias, impressões e narrativas dos próprios estudantes tem sido o procedimento mais frequente. Isso acontece pela natureza do trabalho processual durante os ensinamentos fundamental e médio, e tem como premissa conceitos da pedagogia emancipatória que norteiam a práxis educativa, como aqueles formulados por Paulo Freire. Ao aproximar o trabalho teatral do cotidiano dos estudantes, de suas visões, vivências, e interesses, o educador transfere ao mesmo tempo a eles os “meios de produção” da cena, como desejava Boal.

As professoras Luiza Rangel e Biá, também diretoras de coletivos teatrais formados em escolas municipais, falam de suas práticas coletivas e de como para elas é importante que a voz dos estudantes se faça ouvir. A importância dada à voz dos alunos em cena associa a prática das professoras e seus coletivos à atividade profissional de grupos e coletivos teatrais da atualidade que tem operado não apenas a partir da perspectiva colaborativa, participativa ou dialógica, mas também e cada vez mais a partir da noção central de representatividade.

O teatro na escola tem se alimentado cada vez mais das práticas teatrais contemporâneas, colocando corpo em experiência, valorizando gestos autorais, e reconhecendo narrativas mais plurais. Uma das questões que mais me mobilizou ao reunir o grupo de adolescentes para esta criação, foi a busca por outros modos de relação com o teatro no espaço da escola. Para além da representação que a escola faz dos educandos, como seria ouvir a história deles a partir de si mesmos? (RANGEL, 2020.p. 29)

De forma parecida, diz Biá:

O fazer artístico assumidamente cênico-pedagógico nunca é verticalizado, bancário, de quem tem para quem não tem. Ele sempre será a voz dos alunos. Certamente ele será também uma expressão do artista que mediou o processo segundo seus interesses e visão de mundo. (...) É como um grande acordo. (BIÁ, 2020, p. 61)

Como sugeri anteriormente, temos vastas referências no campo da pedagogia emancipatória sobre este “acordo” entre estudantes e professores, a que se refere Biá, e que coloca docentes e alunos numa posição igualitária, de escuta sensível e parceria. Paulo Freire e Augusto Boal são referências

fundamentais para muitos professores, mas há mais. Chiovatto (2000) também destaca a importância dessa troca:

O professor não é um “vaso”, um receptáculo repleto de informações e conhecimentos a serem dali retirados e dados aos alunos. O professor é um ser pensante e de ação. Através da reflexão e da ação, deve ser capaz de estabelecer ligações entre os conteúdos a serem transmitidos e as demandas e necessidades do processo educativo pelo qual passam seus alunos, suas respostas em relação ao assunto tratado e, na soma disso, reavaliar suas próprias opiniões, estabelecer ligações, sem impor uma determinada “verdade” é o aspecto mais delicado da tarefa docente (CHIOVATTO, 2000, p.30).

Sobre a questão da representatividade, da relação com a comunidade escolar e seus entornos é preciso pensar em termos de diversidade e descolonização, de formação de plateia e identidade. Como diz Candau (2007), urge:

Uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU, 2007, p.7).

Ampliando a visão, temos também bell hooks, em *Ensinando a transgredir* (2013), versando sobre as novas e velhas estruturas em sala de aula: “*Não faz sentido buscar igualdade fazendo os oprimidos se encaixarem em velhas estruturas*” (HOOKS, 2013, p.70).

A oportunidade de assistir a um conjunto de trabalhos teatrais produzidos a partir de escolas municipais do Rio de Janeiro trouxe a certeza de que a estrutura de trabalho mais tradicional, baseada em ensaios de leitura, marcação de cena, entre outros, não é mais a norma do ensino do teatro na rede municipal. Além disso, foi possível perceber o quanto a ferramenta colaborativa (advinda dos processos colaborativos profissionais) vem se apresentado como recurso fundamental de um ensino do teatro emancipatório, que tem como premissa o protagonismo do aluno e a transferência dos meios de produção da cena a ele.

O FESTA , as Multilinguagens e o protagonismo dos alunos

Figura 1 : Folder, Programa do FESTA 2019, com os espetáculos que se apresentaram na segunda etapa, no teatro Cesgranrio.

TODA CRIANÇA TEM O DIREITO DE SER FELIZ

4a. CRE - CIEP GRACILIANO RAMOS

Prof(a). ISABELLA DE ALMEIDA

Entre sonhos e fantasias, toda criança tem o direito de ser feliz. A mástode, a corrupção não podem ferir os direitos das crianças. Criança não trabalha. CRIANÇA tem que ser feliz. ELENCO: KAIQUE DAVID DOS SANTOS, KAREN DE PAULA CONCEIÇÃO, ANA BEATRIZ NONAKA, SARA FELIZ, KAMILLI DA SILVA, HENTONY MATIAS, MIGUEL DIAS, CAIO CÉSAR, MARIA FERNANDA DA SILVA, JULIA DA SILVA, AMANDA PEREIRA DOS SANTOS, ANA GABRIELI DA SILVA, THAINA SILVA, GIOVANA XIEMENES GIOVANA CELIO, RAFAELLY SOARES LOPES, VITÓRIA JAMILLE E JULIA MICAELLI



CAPTÃES DA AREIA POR ELAS

7a. CRE - NÚCLEO DE ARTE SILVEIRA SAMPAIO

Prof. JOSÉ LEOPOLDO



Inspiradas em CAPTÃES DA AREIA, são histórias contadas por elas em situações de diversas formas violentas.

ELENCO: ALLAN BERNARDO, CELINA SANTANA, ESTHER GOMES, JOÃO VITOR, KAREN FAGUNDES, KAROL DUARTE, LARA VITÓRIA, LARISSA CABRAL, LETICIA ALVES, LORRYNYNE BREVES, MATHEUS FONTES, NICOLLI

FERNANDES, RAQUEL CALIXTO, REBEKA CUNHA, SARA MARTINS E WAGNER OLIVEIRA. COREOGRAFIA: ARIADNE LAGE TRILHA SONORA: SARA MARTINS ILUMINAÇÃO: DAVID ISRAEL

DO MARECHAL AO MITO: 150 ANOS DE ELEIÇÕES

5a. CRE - E M MALBA TAHAN

Prof(a). MARIA FERNANDA LAMIN

Com doses de humor e falas pessoais, trazemos uma visão histórica resumida sobre esse processo tão fundamental a nossa jovem democracia: a eleição para presidente. ELENCO: DAVI LIMA, DINO SILVA, EVELLIN GOMES, FERNANDA TAKINO, JÚLIA LEANDRA LUIS GUSTAVO SOARES, MARIA EDUARDA PAVÃO, MARIANNE MEDEIROS, NATHÁLIA GURGITTA, PABLO BRAZ E REBECCA GURGITTA



PLUFT

9a. CRE - E M DULCE DE ARAÚJO

Prof. RICARDO FERREIRA



Maribel, neta do Capitão Bonança Arca-Íris, foi raptada pelo malvado pirata Perna-de-Pau, que quer encontrar o tesouro do Velho Marinheiro. Escondida no sótão de uma velha casa, ela conhece uma família de fantasmas e faz amizade com Pluft, um fantasma que tem medo de gente. ELENCO: ALLAN MACHADO, CAMILLA SÓ,

HANNAH MARRIEL, KAKE MATHEUS, LUDMILA LOPES, RAFA LAQUE, SARAH FERREIRA, YASMIM ALVES.



calar Chico Buarque no período da ditadura militar. **ELENCO:** ANA JÚLIA SOUZA, JEAN KLEBER, JÚLIA HORANA, LUÍSA BORBA, LUNNA MARIA, MICHEL LUZZ E REBECA ABREU.

DEIXEM A NOSSA TERRA EM PAZ!
6a. CRE - NÚCLEO DE ARTE GRANDE OTELO
Prof. NILTON BARBOSA

Buscamos refletir a necessidade e poder de liberdade e dignidade aos verdadeiros donos desta terra. Um clamor, arte e aprendizado. Ensinamos com esse espetáculo que o respeito e o companheirismo são capazes de reconstruir uma história na qual nossos irmãos indígenas não sejam oprimidos. Eles são os guardiões do princípio de tudo nessa terra, a história que contamos passa pelos costumes, dores e necessidades dos povos originários tão esquecidos e machucados por gerações. Salvem os povos indígenas! **ELENCO:**

ALEXANDRE GABRIEL FURTADO BATISTA, ALÍCIA RACHEL PEREIRA VIEIRA, ANA BEATRIZ PEREIRA VIEIRA, ANA KAROLINE MACHADO AVILINO DE MORAES, BRENO KALU DOS SANTOS MAGALHÃES, EDUARDO GUEDES PEREIRA OLIVEIRA, EDSON GABRIEL MARTINS SOARES, FELIPE DOS SANTOS MAGALHÃES, FERNANDO DOS SANTOS MAGALHÃES, JOÃO VITOR LOPES MACHADO, JOÃO VITOR XAVIER RODRIGUES CAMPOS, KAROLINA PROENÇA DE FREITAS, LUANA VITÓRIA MARTINS, MARIA EDUARDA MARTINS, MATHÉUS MARTINS SOARES, PABLO DE SOUZA OLIVEIRA, PEDRO IVO NASCIMENTO DOS SANTOS, RAFAEL DOS SANTOS LEITE, SARA GOMES E, VITÓRIA SANTOS MAGALHÃES.



KARINA DOS SANTOS, MARIA EDUARDA GERÔNICO, PAULO VITHOR, PEDRO LUCAS, SOPHIA VITÓRIA, VINFERREIRA.

SR DESPERDICIO CONTRA A FAÇA TERRA
8a. CRE - E M ESTADO DE ISRAEL
Prof. LUCIA CRISTINA e Prof. CARLA SIMONE



O senhor desperdício quer ensinar as crianças a desperdiçar, mas a febre Terra os ensina que é muito melhor cuidar da natureza e não desperdiçar. **ELENCO:** CAIO PORTO, JOÃO GABRIEL, RAMON GONÇALVES, DAVI GABRIEL, RAFOQUE MORENO, VITÓRIA CASANOVA, JÚLIA DE OLIVEIRA, CLARYSSA THAYNA EVANGELISTA

O LOBO GLARÁ E A CHAPELZINHO VERMELHO
11a. CRE - E M MAESTRO FRANCISCO BRAGA
Prof. HELZIR BORGES e Prof. ELIZABETH MARQUES

A partir de uma atividade teatral na escola, com base na história do "Chapeuzinho Vermelho" e de alguns contos sobre o lobo-guarda e outros animais em extinção criamos a peça intitulada "Chapeuzinho Vermelho e o lobo-guarda". **ELENCO:** ABERNADO DE GUERREIRO, ANA CLARA DA SILVA LINDHEIRO, ANA RAFAEL GONÇALVES MARTINS, HERLANDE CARDOSO MENAULI FEMO, ISMARLE SOUZA DA MOTA, JOÃO HENRIQUE DA SILVA PRIVA, JULIO CESAR VERNANÇO LEITE, KAIC MYNELL DE OLIVEIRA PIREZ, MIRELLA DOS SANTOS DA SILVA, PIETRA ESTELA CARNEIRO CAVALHEIRO, SOFIA MENDES BARBOSA, TAYLA ALVES BOTELHO DA SILVA.



TODA CRIANÇA TEM O DIREITO DE SER FELIZ
4a. CRE - CIEP GRACILIANO RAMOS
Prof. ISABELLA DE ALMEIDA

Entre sonhos e fantasias, toda criança tem o direito de ser feliz. A maldade, a corrupção não podem ferir os direitos das crianças. Criança não trabalha. Criança tem que ser feliz. **ELENCO:** KAIQUE DAVID DOS SANTOS, KAREN DE PAULA CONCEIÇÃO, ANA BEATRIZ NONAKA, SARA FELIZ, KAMILLI DA SILVA, HENTONY MATIAS, MIGUEL DIAS, CAIO CÉSAR, MARIA FERNANDA DA SILVA, JÚLIA DA SILVA, AMANDA PEREIRA DOS SANTOS, ANA GABRIELI DA SILVA, THAINA SILVA, GIOVANA XIEMENES GIOVANA CELIO, RAFAELI SOARES LOPES, VITÓRIA JAMILLE E JULIA MICHELLI



CAPITÃES DA AREIA POR ELAS
7a. CRE - NÚCLEO DE ARTE SILVEIRA SAMPAO
Prof. JOSÉ LEOPOLDO

Inspiradas em CAPITÃES DA AREIA, são histórias contadas por elas em situações de diversas formas violência. **ELENCO:** ALLAN BERNARDO, CELINA SANTANA, ESTHER GOMES, JOÃO VITOR, KAREN FAGUNDES, KAROL DUARTE, LARA VITÓRIA, LARISSA CABRAL, LETÍCIA ALVES, LORRAYNE BREVES, MATHÉUS FONTES, NICOLLI FERNANDES, RAQUEL CALIXTO, REBEKA CUNHA, SARA MARTINS E WAGNER OLIVEIRA. COREOGRAFIA: ARIANDE LAGE TRILHA SONORA: SARA MARTINS ILUMINAÇÃO: DAVID ISRAEL



DO MARECHAL AO MITO: 150 ANOS DE ELEIÇÕES
5a. CRE - E M MALBA TAHAN
Prof. MARIA FERNANDA LAMINI

Com doses de humor e falas pessoais, trazemos uma visão histórica resumida sobre esse processo tão fundamental a nossa jovem democracia: a eleição para presidente. **ELENCO:** DAVI LIMA, DINO SILVA, EVELLIN GOMES, FERNANDA TAKINO, JÚLIA LEANDRA, LUIS GUSTAVO SOARES, MARIA EDUARDA PANÃO, MARIANNE MEDEIROS, NATHÁLIA GURGITA, PABLO BRAZ E REBECCA GURGITA



PIUFT
9a. CRE - E M DULCE DE ARAÚJO
Prof. RICARDO FERREIRA

Maribel, neta do Capitão Bonança Arca-Íris, foi raptada pelo malvado pirata Pena-de-Pau, que quer encontrar o tesouro de Velho Marinheiro. Escondida no sótão de uma velha casa, ela conhece uma família de fantasmas e faz amizade com Piuft, um fantasminha que tem medo de gesto. **ELENCO:** ALLAN MACHADO, CÂMILA SO, HANNAH MARRIEL, KAIKE MATHÉUS, LUDMILA LOPES, RAFA LAQUE, SARAH FERREIRA, YASMIM ALVES.



A ALMA DA BORDOLETA
3a. CRE - E M JOSÉ VERISSIMO
Prof. FABIO LEBDAO

Uma professora de teatro precisa começar a perder a noção da realidade ao montar uma oficina em sua escola. Muita confusão e emoção aguardam seus alunos. **ELENCO:** BERNARDO CARVALHO, BERNARDO VAZ, CAIO CAMPOS, GIOVANNI CARVALHO, ISABEL GOMES, KAROLINA SIGAÇÃO, KAIQUE OLIVEIRA, MARIA EDUARDA POMPEI, MATHÉUS MOURA.



UM CONTO ESCOLAR
2a. CRE - E M DESEMBARGADOR OSCAR TENÓRIO
Prof. ANÍLIA FRANCISCA

Após chegar do Paraíba para estudar numa escola de Recife, José Ribamar tem que conviver com diversas situações e situações bullying, de medo e violência que o fazem ver com outros olhos a "cidade maravilhosa". **ELENCO:** KATYLANE NASCIMENTO, KALLIANE CRISTINA, LARISSA RODRIGUES, LORRAYNY ALVES, MARIA EDUARDA GOMES, MIGUEL CABRAL, NATYAN FRANCISCO, PAMELA CUSTÓDIA, RAISSA RODRIGUES, SAMARA NARCIZO, SOPHIA CALINAN, VITÓRIA BRITO E YASMIM BELLIQIO.



SALADAS DAS FÁBULAS
10a. CRE - E M EULÍDES DA CUNHA
Prof. WANDERLEY FERNANDES

O professor de arte trouxe a peça "Salada das Fábulas" que trata da conscientização racial, de uma forma leve e divertida. Adaptamos a questão da sustentabilidade, trabalhada de formas variadas nas aulas, nas festas, nas culminâncias dos projetos, durante todo o ano letivo, em nossa unidade escolar. **ELENCO:** ALEXANDRA BARCELLOS, ANA CAROLINA DUARTE, ANA CLARA RAMOS, ANA LAURA, BRUNA LEANDRO, CHRISTYAN MIGUEL, DAVI CAVALCANTE, DANI DE SOUZA, FERNANDO MYHAL, EDSON GUSTAVO, DAFNY ADRIELLE, EDUARDA DAS GRAÇAS, EMANUELLE SOARES, GABRIEL AZEVEDO, GABRIEL DE ALMEIDA, ERIKA BRAGA, FLÁVIO HENRIQUE, GABRIEL DE OLIVEIRA, GIOVANNA PEREIRA, ISABELLY MAGALHÃES, JÚLIA DE CASTRO, KAJANY CORRÊA, KARA DIAS, LARISSA SOBRAL, LAYNYA ALVES, LETÍCIA DOS SANTOS, MARCOS CAMPOS, MATHÉUS VINÍCIUS, NATHÁLIA DOS SANTOS, PIETRO CÉSAR, REBECA BARCELOS, SÉRGIO WASHINGTON, SAMUEL DE ALMEIDA, SARAH DE MELO, ZEFERINO DOS SANTOS, VICTOR LEONARDO, SUELLEN BARRIOS, THAYNA WELLEN E FLORENÇO DE SOUZA



12 NOV

MARIAS DO BRASIL
1a. CRE - E M CARDEAL LENE
Prof. ADELSON LUIS

Mê, imê, avê, tia ou vizinha. Doméstica, Evangélica ou de Camborê. Fruto de jogos e improvisação teatrais em processo colaborativo a partir de músicas que retratam a mulher brasileira e do conto "Marias" de Conceição Evaristo. Esse espetáculo apresenta alguns dilemas enfrentados pela mulher periférica hoje. **ELENCO:** ANA LARA, ANA CRISTINA, DUDA FARIAS, ELIZANDRA MARTINS, EMILY EDUARDA, GABRIELLY CABRAL, JOÃO, MARIANA SANTOS, KARYNA BELLO, VITÓRIA SOARES



14 NOV

ERA LIBRO?
1a. CRE - E M GUATEMALA
Prof. JANA FERAS

Um urso vai hibernar e quando acorda a floresta foi destruída e surgiu uma grande biblioteca. Todos tentam convencê-lo que ele não é um urso e sim um operário empregado. Entremos a floresta, a biblioteca fecha e o urso fica sozinho. Chegou o inverno e ele sem saber o que fazer, acalor dormindo e sonhando que é um urso. **ELENCO:** BÁRBARA SILVA, CHEYENNE, CRISTAL ISS, GABRIEL PADILHA, JOÃO VICTOR, JOAQUIM LOUREIRO, LUÍZ GUILHERME, LUCAS GABRIEL, MARIANA FELIX, MIGUEL LACERDA, PEDRO HENRIQUE, PIETRA OLIVEIRA, RAFAELA



A primeira edição do FESTA ocorreu em 2017, apenas na segunda CRE (Coordenadoria Regional da Educação), por iniciativa dos professores de tal região. No ano seguinte, o festival foi ampliado, passando a abranger todas as coordenadorias regionais, em resposta a uma demanda dos próprios alunos e educadores. Àquela altura, já existiam iniciativas similares voltadas para as demais linguagens artísticas: a Mostra de Dança, o Fecem (festival de música), e o Educacine, para produções audiovisuais. O FESTA veio preencher uma lacuna ainda existente para o Teatro.

Todos aqueles eventos são planejados e realizados com a estrutura das Coordenadorias Regionais de Educação, ou CREs, que somam onze no total, sendo cada uma relativa a uma área da cidade. Em 2018, Antônio Veríssimo Júnior, professor de teatro do município e diretor do grupo teatral Teatro da Laje, assumiu um cargo na rede para implementar naquele ano a ampliação do Festival, que passaria a prever duas etapas de realização: uma regional, onde as comunidades escolares de uma mesma CRE se encontrariam, assistindo as produções umas das outras; e outra geral, com participação das comunidades de duas escolas de cada CRE, totalizando vinte e duas escolas ao todo, e apresentando assim um panorama bastante completo do que vem sendo produzido em teatro nas escolas municipais de diferentes regiões da cidade. Na edição de 2018, criou-se outra “tradição” do festival: encontros formativos entre professores, para trocas de ideias e experiências de processos entre os mesmos.

Logo de início, foi percebida uma forte adesão ao festival. Já na edição de 2018, cada CRE teve, em média, entre 6 e 10 espetáculos inscritos para a primeira etapa. Daqueles, mais da metade traziam textos próprios e inéditos. Em um dos espetáculos assistidos na quinta CRE, havia muitas cenas de plateia e me chamou atenção a segurança dos atores-alunos. O texto, que versava sobre charadas, brincadeiras e lendas do folclore brasileiro, não era “decorado”, mas orgânico, interiorizado, apropriado. Encontrei novamente aquele grupo, da EM Leonor Posada², em outro evento do qual o Grupo Ainda em Aberto também participou, e constatei mais uma vez a habilidade com que eles envolviam a plateia.

A segunda etapa da edição daquele ano, realizado no Teatro Ipanema, contou com vinte e dois espetáculos, dois de cada uma das onze CREs, e plateia lotada em quase todos os dias. Não apenas os próprios grupos assistiam uns aos outros; muitas escolas levaram também outros alunos como espectadores. Todo o processo foi de suma importância pedagógica para os eixos da fruição e experimentação, como relatado nas orientações curriculares. Para completar, no último dia de Festival, fomos presenteados com a presença da atriz Ruth de Souza, que compartilhou com os alunos participantes do evento histórias pessoais e vivências artísticas como atriz negra em um Rio de Janeiro mais antigo e não menos povoado de preconceitos, e teve total atenção da plateia.

No ano seguinte, o FESTA teve ainda mais inscrições do que no ano anterior em sua etapa regional. Pela primeira vez, o Grupo Ainda em Aberto

² *O que é, o que é*, EM Leonor Posada, FESTA 2018 (5a CRE), realizado no auditório da EM Malba Tahan (bairro Irajá)

chegou à segunda etapa, que naquele ano aconteceu no teatro Cesgranrio, como um dos representantes da quinta CRE. Naquela edição, mais uma vez, pude notar a presença expressiva de textos inéditos ou de livre adaptação – assim definidos por seus próprios integrantes. Das vinte e duas peças, apenas nove eram baseadas em textos já existentes e, dentre essas, todas, sem exceção, citavam adaptação por parte do grupo. Eram textos que possibilitavam a inserção da autoficção de dramaturgia própria, como “Capitães da areia”, de Jorge Amado, e “Maria”, de Conceição Evaristo.³

Dentre os textos próprios e inéditos, três traziam a temática do samba e da música popular, três falavam sobre meio ambiente e territorialidade, cinco abordavam a realidade da escola, e dois a temática da violência, vivência comum na cidade do Rio de Janeiro, em diferentes regiões. Muitos espetáculos mencionaram em seus resumos também a pesquisa de linguagem, como teatro épico, pantomima e quebras da quarta parede.

Em 2020, o festival não pode acontecer, devido à pandemia de covid-19. Já em 2021, ficou restrito ao audiovisual, através da plataforma RioEduca, utilizada para as atividades remotas da rede. Finalmente, em 2022, o Festival retornou com outro formato. A Mostra Multilinguagens foi a proposta da GPPE⁴ (Gerência de Projetos Pedagógicos Extracurriculares) para a segunda fase das mostras de Arte (FECHEM, Mostra de Dança, FESTA, Educacine) em 2022.

Os processos colaborativos foram estimulados desde as atividades formativas oferecidas para os professores pela GPPE antes das mostras. Foram realizadas oficinas de Música, Teatro, Artes Visuais e Audiovisual, que visavam fomentar a criação e inscrição de trabalhos autorais e com perspectiva coletivizante nas mostras. Dentre os processos colaborativos que acompanhei ao menos parcialmente, “Eles não ligam para a gente”, da EM Rotary, espetáculo resultante de um processo em que os alunos muitas vezes organizavam os ensaios por conta própria, sem a necessidade de um estímulo por parte do professor; e “Mãos em Construção”, filme realizado e editado integralmente por alunos da EM Dunshee de Abranches⁵.

Na edição de 2022, pude assistir ainda a muitos trabalhos com a temática do racismo, dentre os quais encontra-se o próprio trabalho do Grupo Ainda em Aberto, dirigido por mim e com texto de autoria de um dos alunos, “Cores não importam”. Naquele ano, o tema do racismo perpassou todas as linguagens: apresentações de dança como a dos alunos da EM Pará, com o jongo, grupos musicais homenageando Elza Soares (EM Capitão de Fragata Didier Barbosa), e apresentações teatrais como O Pequeno Príncipe Preto, com alunos do fundamental I da EM Oswaldo Teixeira⁶.

Em todas as edições do FESTA em que estive presente, pude confirmar aquela primeira impressão: a plateia, composta principalmente de alunos e professores das escolas municipais, completamente absorvida pela experiência da recepção. O que conferia autenticidade e propriedade ao que estava sendo dito e mostrado no palco? O que gerava na plateia tamanho interesse e um

³ *Marias do Brasil*”, EM Cardeal Leme, direção do professor Adelson Luis, 1a CRE (bairro: Benfica), FESTA 2019

⁴ A Gerencia de Projetos Pedagógicos Extracurriculares foi criada em 2022, integrando professores da rede e artistas, para realizar os projetos extracurriculares, tais como a Mostra de Dança e o FESTA.

⁵ Ambas as escolas da 11ª CRE, bairro Ilha do Governador.

⁶ Ambas as escolas da 5ª CRE, Irajá e Acari

comprometimento tão especial com a escuta? O caráter colaborativo dos processos teria alguma relação com esses aspectos?

Em 2022 um dos objetivos da Mostra Multilinguagens, além de proporcionar aos alunos a possibilidade de experimentação, era também evitar a evasão escolar, melhorando o seu o senso de pertencimento e socioemocional, o que tem sido um desafio em toda a rede, sobretudo após a pandemia. Assistir ao festival e aos processos daqueles grupos remetia em grande medida a Augusto Boal (1982), que afirma que, desde as origens, o teatro é uma festa popular cuja linguagem pertence a todos. No limite, tal premissa implica na indistinção entre ator e espectador que foi pleiteada pelo diretor e dramaturgo com seu Teatro do Oprimido.

Um teatro feito pelos atores-alunos não poderá deixar de interessar aos mesmos quando estes estão na plateia. O protagonismo do aluno no processo criativo é o disposto elementar de transferência dos meios produtivos, e por si só altera regimes hegemônicos que definem quem pode falar e quem deve escutar. A colaboração leva ao pertencimento e, no limite, à emancipação. Segundo Moreira (2019, p.05), “uma práxis educacional de caráter emancipatório poderá suscitar sentimentos e desejos de romper barreiras, de buscar a liberdade e, por esse caminho, formar cidadãos autônomos, com protagonismo”.





Mostra Multilinguagens 2022 - fotos por Maria Fernanda Lamim

O Grupo Ainda em Aberto

Em 2017, fui convidada para trabalhar no Ginásio Carioca Malba Tahan, que funcionava em turno único e contava com professores em dedicação exclusiva. Com horário e espaço disponíveis, dei início a uma vivência em montagem teatral no contraturno.

No primeiro ano, montamos o espetáculo “O homem que calculava”, adaptação do livro de Malba Tahan, autor que dá nome à escola. Já no ano seguinte (2018), o grupo de alunos cresceu, e então foi planejado não trabalhar com um texto pronto. Tivemos, porém, um ponto de partida: a revista de ano “O Rio em 1877”, de Arthur Azevedo. O autor falava de sua realidade e da cidade do Rio de Janeiro. E, embora o texto tivesse mais de cem anos, muitos dos problemas tematizados continuam presentes na cidade: a má conservação do transporte público, a polícia, a dengue, a enchente, entre outros.

Na ocasião, o grupo contava com 19 alunos-atores e se encontrava uma vez por semana para ensaiar e jogar (mais tarde, a pedido dos alunos, aumentamos para duas vezes por semana). De início, lemos o texto de Arthur Azevedo e nos perguntamos: como seria se aqueles mesmos problemas se reunissem em outro momento histórico? Como seria repetir o episódio ambientado em 1877 em 2018? Assim nasceu *Foi sim, lá em Acari! Ou O Rio*

em 1877-2018, o primeiro espetáculo do Grupo Ainda em Aberto e o início da sua história com o FESTA.

Para além da referência da revista de Arthur Azevedo, o espetáculo também contou com um trabalho de pesquisa. Foi pedido aos alunos de todas as turmas, nas aulas regulares de Teatro, que relatassem algumas histórias de seus bairros, sendo que a maioria deles mora próximo à escola (região de Irajá/Acari). As histórias deveriam ser de “folclore local”, histórias que os moradores do bairro conhecem e espalham através da oralidade. Assim, crimes famosos, mitos, e até histórias de assombração foram lembradas. Pedi que escolhessem algumas e improvisassem cenas a partir delas.

Observando as improvisações das turmas de aulas regulares pude perceber que os lugares onde as histórias se desenrolavam se repetiam. A feira, a porta das escolas municipais, e o baile funk eram cenários frequentes dos improvisos nas aulas. Em conversa a respeito disso com os alunos do grupo de Teatro, foi decidido, ambientar três cenas naqueles lugares: a feira, a porta da escola e o baile. Parece curioso que a escola apareça citada como “a porta da escola” e não seu interior; mas, em muitos bairros da zona norte, o portão da escola abriga muitas narrativas, reais e não tão reais assim. Histórias que vão de uma briga de grupos rivais até vendas de doces envenenados, que nunca tem comprovação ou cobertura jornalística, mas que sempre alguém conhecido “ouviu falar”.

A partir de então, a rotina de ensaios, que se dava em duas tardes por semana fora do horário formal da escola, passou a ser mobilizada por conversas sobre o “gatilho” do dia (a peça de Arthur Azevedo, uma das histórias locais, algum tema “quente” naquele momento, entre outros). Após um rápido aquecimento com jogos teatrais, os alunos improvisavam cenas e partituras inspiradas pelo “gatilho” escolhido. Assistia-se a tudo atentamente. Também era feito um registro, o mais cuidadoso possível, por áudio, vídeo, foto, ou digitando o texto enquanto a cena era criada, o que gerava uma certa jocosidade entre os alunos, que diziam que iam “enlouquecer a professora” por apresentar a cena mais rapidamente do que era possível de registrar. Depois disso, o trabalho prosseguia a partir dos registros. Decidia-se coletivamente o que ficaria e o que não seria aproveitado de cada sessão de trabalho. Eu tinha um certo poder de veto e de promoção, mas a decisão final era sempre democrática. Nos casos em que havia muita discordância, decidíamos por votação.

Assim, em cinco meses de ensaios, surgiu “O Rio em 1877 ou Foi sim, lá em Acari!”. Estreamos o espetáculo no auditório, para os demais alunos e professores da escola. Foram realizadas mais de uma sessão porque não cabiam todos no espaço. Alguns artistas locais, dos bairros vizinhos, foram convidados para assistir e comentar. Em seguida, o espetáculo foi inscrito no FESTA, e participou da primeira fase do festival.

O FESTA foi criado naquele ano, seguindo o exemplo de vários outros programas da SME, como dito anteriormente: a Mostra de Dança, e o Festival da Canção. Uma das poucas redes de escolas públicas do Brasil a ter Artes Cênicas como componente curricular independente precisava de um festival de Teatro para integrar e circular suas produções.

O FESTA era dividido em duas etapas: uma regional, abrangendo as escolas de cada CRE, e outra geral, abarcando escolas de toda a cidade. A

escola que era a “casa” do Grupo Ainda em Aberto sediou a primeira etapa do Festival na quinta CRE, recebendo grupos de escolas vizinhas. Notamos que a experiência foi profundamente transformadora. Os alunos assistiram a grupos de de bairros vizinhos e isso gerou um sentimento de identificação. O ato de se apresentar para os jurados também aumentou a percepção de que eram um coletivo. O grupo se ajudava dentro e fora de cena. O clima na coxia era de colaboração. Cada um parecia se enxergar como parte do todo.

Não pudemos deixar também de observar, como mencionado anteriormente, que boa parte dos espetáculos eram autorais ou, no mínimo, recriações de textos. A voz dos alunos estava presente, bem como suas ideias, interpretações, questões. A segunda etapa do Festival só confirmou essa impressão. Tanto no FESTA como no Feirão de Saberes e Fazeres Teatrais, encontro de preparação para o Festival de 2018 realizado entre professores, foi gratificante identificar no trabalho de outros grupos pontos em comum com o processo que vínhamos desenvolvendo no Grupo Ainda em Aberto.

Como aconteceu com outros grupos, não fomos selecionados para a segunda fase do Festival daquele ano. Os alunos sentiram a frustração inerente a esse tipo de situação, e alguns disseram que não queriam mais fazer teatro. A recomendação foi apenas que fossem para casa naquele dia, descansassem, comessem algo gostoso e, se sentissem o desejo, voltassem no nosso próximo dia de trabalho.

Não foi exatamente surpreendente todos terem voltado; a experiência de criar coletivamente e levar sua criação para uma plateia pode ser gratificante, e naturalmente, surge o desejo de repetir. Conversamos sobre toda a vivência e eles disseram que queriam se apresentar fora da escola, já que não iríamos para a segunda fase do festival. Assim, buscamos agendar uma apresentação. Entrei em contato com o coordenador pedagógico de uma escola vizinha à nossa, a Escola Municipal Tarsila do Amaral, que atende crianças desde a Educação Infantil ao sexto ano. Muitos dos alunos da Malba Tahan eram oriundos de lá e tinham uma relação de afeto com aquela escola. Assim, foram feitas duas sessões do espetáculo lá. A experiência toda foi marcante, desde sairmos caminhando na rua, dezenove adolescentes e os dois professores, de Teatro e de Ciências, carregando os figurinos e cenários, até a recepção de antigos professores e alunos mais jovens.

Como o espetáculo citava histórias e lugares das redondezas, alunos e professores da EM Tarsila do Amaral reconheceram as referências, o que tornou ainda mais estimulante a interação com a plateia. Esse aspecto não fugiu à atenção: o quão importante era para aqueles alunos ver seu bairro, sua “aldeia”, representada no palco por rostos conhecidos?

Aquela apresentação externa gerou um outro movimento. No ano seguinte, em 2019, muitos alunos egressos da E.M. Tarsila do Amaral chegaram a E.M. Malba Tahan para cursar o sétimo ano, e perguntaram a respeito do grupo de teatro. Lembravam-se do espetáculo e expressaram a vontade de participar dos encontros do grupo. Assim, em 2019, após algumas partidas, mas com o reforço de novos integrantes, o grupo se reuniu novamente, e logo de início se perguntou: o que vamos montar esse ano?

Nos primeiros encontros, apliquei jogos e conversas, tentando sentir qual seria o foco naquele ano. O tema da eleição presidencial de 2018, controversa e cheia de polaridades, era frequente. Os alunos-atores relatavam brigas familiares, disputas de narrativas, opiniões. O churrasco de domingo da

maioria das famílias parecia agora um território de tensões. Seus questionamentos não eram apenas partidários ou sobre os políticos em si, mas também sobre o próprio processo eleitoral: era democrático o suficiente? O eleitor de fato se sentia representado? Então, foi sugerido que investigassem o processo eleitoral brasileiro e suas origens.

Assim, em moldes muito semelhantes ao processo que levou à criação de *Acari*, montamos *Do Marechal ao Mito: 130 anos de eleições no Brasil*, espetáculo de 20 minutos que abordava assuntos como as primeiras eleições brasileiras, o voto feminino, os mais de vinte anos sem eleição presidencial direta, a luta para ter novamente esse direito, entre outros. As cenas sobre momentos históricos eram entremeadas por cenas onde os alunos relataram livremente suas impressões sobre o processo eleitoral brasileiro. O que é democracia, o que é representatividade, o que é justiça, o que é política na sua visão?

Porém, o processo daquele segundo espetáculo teve alguns percalços. Eu sofri um acidente um pouco antes da estreia na escola. O grupo seguiu ensaiando enquanto eu me recuperava, mas a frequência dos ensaios ficou prejudicada, uma vez que eles só podiam se reunir para ensaiar se um adulto ficasse responsável pela sala, o que nem sempre era possível. Chegou a data da primeira fase do FESTA 2019 e o espetáculo ainda não estava pronto. O grupo queria muito participar, então, sugeri que apresentássemos um *work in progress*, assumindo a nossa condição de espetáculo não finalizado. Foi nessa época que surgiu o nome do grupo, Ainda em Aberto, pois essa era a resposta que dávamos sempre que alguém nos perguntava o que estávamos ensaiando.

Ficamos muito felizes quando o nosso espetáculo ainda em construção foi selecionado para a segunda fase do Festival. A incompletude e suas potências o favoreciam mais do que o prejudicavam. Assim como parte do processo de ensino-aprendizagem se dá no caminho, parece acontecer o mesmo com uma produção teatral dentro da escola. “O homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado”. (FREIRE, 1979, página 30).

A segunda fase do FESTA, realizada fora da escola, foi mais uma experiência marcante. O grupo saiu todo junto, dessa vez de ônibus, para assistir o trabalho de outros coletivos escolares e também ser assistido por aquela plateia, composta principalmente por outras comunidades escolares da cidade, oriundas das onze CREs da rede municipal. Segundo as falas dos próprios alunos integrantes do grupo, registradas na figura abaixo: “Ano que vem (provavelmente) vai ser meu último ano e eu só fui duas vezes nesse teatro. Eu amei, era lindo, você olha lá para baixo vendo eles fazerem teatro e parece que você tá em um filme, pena que esse ano não vai dar”. Ou ainda: “Foi uma experiência única, todo o nosso esforço no fim vale a pena, até as confusões, a melhor parte é subir no palco e apresentar, descobri que uma das minhas paixões é o palco. Aprendi muitas coisas com essa experiência que foi incrível”.

O ano de 2020 nos surpreendeu com a pandemia da Covid-19. O Ensino Remoto Emergencial trouxe muitos desafios e a necessidade de adaptações para o ensino de Teatro na Educação Básica.

A cada videoaula ou roteiro produzidos, eu tinha certeza de que aquela não era a aula de Teatro em que eu acreditava. Lembro-me de conversar com outros colegas de profissão e o sentimento de todas e todos era de total falta de perspectiva. Como ensinar Teatro de maneira remota? Será que o teatro resistiria a esse golpe? O que estamos trabalhando, teatro ou audiovisual? Qual o lugar da Arte no ensino remoto? (RUSSEFF 2021:5)

Assim como toda a comunidade escolar, o Grupo também precisou de tempo para se adaptar ao Ensino Remoto Emergencial. Lidamos com muitos empecilhos: falta de internet e equipamentos, o emocional de todos diante do isolamento, e a difícil adaptação ao ambiente online, considerando que na vivência do Teatro o estar ao vivo faz muita diferença. O jogo, a interação e a contracenação não dependeriam da presença de todos aqui-agora?. Nos perguntávamos: “Como seria possível transpor nossos processos criativos para o Google Meet?” Contudo, mesmo com todas as dificuldades conseguimos criar um texto teatral que tinha como tema a própria pandemia e o teatro. Infelizmente, esse texto não chegou a ser apresentado em função de inúmeras dificuldades técnicas.

O ano de 2021 não trouxe muitas novidades. As aulas presenciais retornaram no segundo bimestre, mas, com o protocolo de distanciamento, uso de máscara, rodízio de alunos e redução de horários, não foi possível refazer a dinâmica do grupo e seus processos colaborativos.

Finalmente, o ano de 2022 abriu uma nova possibilidade. Com alunos e professores já vacinados, as atividades progressivamente retornando, e todos os membros da comunidade já habituados aos novos protocolos, foi possível reconstruir o grupo. O planejamento incluiu convidar alguns ex-alunos, uma vez que muitos integrantes do Grupo Ainda em Aberto tinham terminado o nono ano e ido para escolas de Ensino Médio. Planejei horários, conversei com as turmas, e passei vídeos do grupo para despertar o interesse de possíveis novos integrantes.

Sabemos que a flexibilidade de planejamento é fundamental no trabalho de todo professor. Enquanto procurava mobilizar interessados para o trabalho do grupo, dois alunos me procuraram, mais especificamente, um rapaz e uma moça. Trouxeram um texto teatral escrito por eles, abordando o tema do racismo. Queriam que eu dirigisse. Sugeri que trabalhássemos o texto no horário das disciplinas eletivas, que fazem parte da grade das escolas municipais. Esse processo que resultou em *Cores não importam*, que foi premiado na Mostra Multilinguagens 2022. Dessa forma, o grupo se reorganizava e a diretora-professora voltava a abrir a sala de ensaios.

Por que atravessar os muros?

Com a experiência do Festival, do contato com outros grupos, alunos e professores participantes, e os processos do próprio Grupo Ainda em Aberto, não restava dúvida quanto à predominância de práticas colaborativas em

processos de encenação nas escolas da rede municipal. Era possível identificar a influência de muitos educadores e artistas aqui referenciados – como Freire, hooks, Boal, Nicholson, Trotta e Werneck – na base daqueles processos conduzidos por professores da rede.

Assim, por meio de processos coletivizantes, muitos grupos formados em escolas municipais do Rio de Janeiro têm ultrapassado as fronteiras físicas e simbólicas das instituições de ensino em que estão sediados em busca de outros públicos e espaços. Pode-se dizer que as próprias orientações curriculares de Artes Cênicas para a rede municipal favorecem essa atuação para além dos muros da escola. As referidas orientações identificam três eixos fundamentais: experimentar, fruir e contextualizar.

A fruição, em geral, se dá por meio de visitas a teatros e centros culturais ou por meio do contato com grupos de teatro convidados a visitar as escolas. É possível também conhecer obras por meio de registros em vídeo. Já a contextualização se dá em sala de aula, no trabalho diário de alunos e professores, por meio de exercícios e montagens. E a experimentação pode caminhar para essa perspectiva coletivizante e para a troca com outros grupos nas mostras. O lugar de experiência para o professor-artista e o aluno-criador pode ser também do lado de fora da escola, junto a outros grupos escolares.

Considerando que a escola é um aparelho cultural, produtor e difusor de arte e cultura, que deveria pertencer à toda comunidade do entorno e, no limite, à toda cidade, nada mais legítimo que suas produções ultrapassassem os próprios muros. Nesse sentido, um maior intercâmbio entre as escolas municipais, e os demais equipamentos culturais da prefeitura, como as lonas e arenas, seria um desdobramento esperado.

Cabe ainda refletir sobre o trabalho do professor naquele contexto. Assumindo, cada vez mais, um papel de mediador dos processos colaborativos de criação teatral em sala de aula, ele não deixa de imprimir seu conhecimento e suas referências no resultado final. O espaço de produção artística na escola é também um espaço de pesquisa de linguagem e das estratégias artístico-pedagógicas do artista-professor ou, mais precisamente no caso, do diretor-professor.

Ao voltarmos os nossos olhares para o artista-educador, observamos questionamentos recorrentes. Por exemplo, é ainda muito comum uma visão que distingue o fazer artístico da prática docente. Essa visão não vigora apenas fora mas também dentro da escola, onde em geral o arte-educador não é visto como artista, e muitas vezes também não se vê como tal. Porém, o que o FESTA nos mostra é que a escola tem sido responsável por uma intensa produção de espetáculos teatrais frutos de processos colaborativos e autoria compartilhada, que fomentam a autonomia criativa e o protagonismo do aluno. O FESTA não só afirma o professor como artista, como também o aluno, ou ao menos como um artista em formação. A juventude pobre, oriunda das favelas e periferias, vem sendo considerada pela mídia como produtora de arte e cultura, como podemos perceber pela relevância dada aos grupos de funk e passinho, bem como aos cantores Pop que tem aquelas manifestações na base de seus trabalhos. Nas escolas municipais, não é incomum encontrarmos alunos que participam de movimentos e eventos que tematizam e difundem aquelas artes, como, por exemplo, batalhas de rima, festivais de dança de rua, escolas de samba, grafite e todo tipo de Arte urbana e popular. Pode-se dizer, que as iniciativas da SME, como a Mostra Multilinguagens, que engloba o FESTA,

fomentam e propulsionam para fora dos muros da escola as forças e potenciais criativos que pulsam dentro dela.

Quando adentramos o campo da interculturalidade dentro das escolas, compreendemos o perigo de se reduzir a diversidade de perfis culturais a um padrão hegemônico. Segundo Candau (2008, página 30), o multiculturalismo, em sua abordagem assimilacionista, prevê que todos se integrem à sociedade e sejam incorporados à uma cultura dominante. Essa teoria defende que vivemos numa sociedade multicultural descritiva. Nela, não existe igualdade. Ao contrário, alguns grupos sofrem com a falta de acesso a serviços, bens e direitos fundamentais. A política assimilacionista propõe que todos, independentemente de raça, cultura ou religião, venham a ter os mesmos direitos, os mesmos acessos. Porém, a matriz cultural da sociedade não é alterada, ou seja, os indivíduos subalternizados são inseridos no grupo, mas suas línguas, crenças e os seus saberes não são visibilizados nem legitimados.

A produção teatral de perspectiva coletivizante que vem sendo realizada a partir de escolas municipais do Rio de Janeiro, tal como pude observar em minha experiência com o FESTA, aponta para um caminho alternativo: a participação coletiva implica uma autoria também coletiva, que marca os espetáculos com uma diversidade de pontos de vista e visões de mundo, ou ainda de saberes situados (Mombaça 2021). Nesse sentido, a escola pública, que é em muitas regiões da cidade um dos poucos sinais da presença do estado, se apresenta como uma produtora e difusora em potencial de uma diversidade de saberes e modos culturais, favorecendo o seu acesso à ampla população da cidade.

Evidentemente, aquela produção artístico-cultural não vem sendo realizada sem obstáculos. Existem as limitações de recursos materiais, disponibilidade de tempo e espaço físico, comuns a muitas escolas da rede. Nos encontros de formação para professores, ouvimos com frequência as “aventuras” de professores que ensaiam em quadras abertas, produzem espetáculos com o dinheiro levantado das maneiras mais alternativas, que criam estratégias para o transporte dos alunos até os locais de apresentação. Com certeza, a questão material e logística são limitações ao se tentar ultrapassar os muros da escola com as suas produções. A segunda etapa do FESTA, em 2018 e 2019, só foi possível graças a essa estrutura de transporte.

No entanto, não poderia terminar este texto sem reafirmar o seu otimismo. Enquanto redigia o artigo, foi aprovada a PL 3039/21, que possibilita que as escolas públicas dos sistemas de ensino dos diferentes entes federativos sejam habilitadas como pontos de cultura. A efetivação de tal projeto não seria a via perfeita para conferir à produção escolar um papel menos restrito, aproximando-as das lonas culturais e arenas, presentes em toda a cidade do Rio de Janeiro, como deveria ser?

Dar voz ao espaço e à comunidade escolar, como acredito que vem fazendo a produção teatral da rede municipal carioca, não deixa de ser um gesto decolonial. Deixando de ser suporte de mensagem, ou uma ferramenta paradidática, para se afirmar como um espaço de exposição e afirmação de uma diversidade de experiências, discursos, perspectivas e concepções de mundo, aquela produção aproxima as pessoas e promove um diálogo com a cidade.

Políticas como o FESTA e os demais projetos multilinguagens da rede fomentam a troca entre alunos e professores, assim como entre estes últimos e as comunidades escolar e do entorno, e a cidade. Muitas são as possibilidades ao se ultrapassar os muros da escola.

Referências bibliográficas

BIÁ, Alessandra da Nóbrega. **Entre a aula e o espetáculo**: processos poéticos de criação em pedagogia do teatro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. Editora Martins Fontes, 2013

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Buscando uma interação teatral poética e dialógica com comunidades. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.1, n.4, p.70-89, 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101042002070>. Acesso em 14/09/2021.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Teatro em comunidades: questões de terminologia. **Abrace**, v.9, n.1, 2008. Disponível em

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1417/1530>. Acesso em maio/2022

RANGEL, Luiza Cordeiro. **Fale sobre mim**: Teatro e autoficção na escola pública. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas, 2020

TROTTA, Rosyane. **A autoria coletiva no processo de criação teatral**. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008

WERNECK, Sílvia Muniz. **O processo colaborativo aplicado no ensino de Teatro na escola**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MOREIRA, Maria Aparecida. *O jogo teatral e suas alianças: experiências no âmbito escolar para uma dramaturgia identitária e emancipatória*. Portal UNIRIO, 2019. Disponível em: <http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2019/bibliografia/o-jogo-teatral-e-suas-aliancas-experiencias-no-ambito-escolar-para-uma-dramaturgia-identitaria-e-emancipatoria/view>. Acesso em: agosto de 2022.

NICHOLSON, Hellen. **Applied Drama: the Gift of Theatre**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005

FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de; LEAL, Izabel Cristina Soares; MACHADO, Mirian Ribeiro. Para além do muro da escola: a Arte como lugar de interações e descobertas. Revista Signos, ano 38, número 2, 2017.

<http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v38i2a2017>. Acesso em junho/2022

CHIOVATTO, Milene. O Professor Mediador. Artigo extraído do Boletim Arte na Escola, nº24. Fundação lochpe. Porto Alegre, Out/Nov, 2000, p. 2, 3, 4, 8.

http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=13. Acesso em junho/2022.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

POMPEO, Marcia. Buscando uma interação teatral poética e dialógica com a comunidade. Revista Urdimento, Número 4, Dezembro/2002, p. 70.
FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Editora Paz e Terra – 23ª Edição, 1999
FREIRE, Paulo. A escola, Nova Escola, N. 163, Jun-Jul, 2003.
ARAÚJO, Antonio. A encenação no coletivo: desterritorializações do diretor no processo colaborativo. 222 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Artes Cênicas – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo: 2002.
BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
RUSSEFF, Janaína Meira. O que foi que aconteceu? Inventário artístico-pedagógico do ensino do teatro fluminense nos tempos de pandemia. Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.3,n. 42, dez 2021. DOI:<http://dx.doi.org/10.5965/1414573103422021e0115>.
MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Ed Cogobó, 2021

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

L	Lamim, Maria / Maria Lamim, Fernanda Marques . -- Rio de Janeiro, 2023. 20
	Orientadora: Isabel Penoni. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Especialização em Mestrado profissional , 2023.
	1. Teatro escolar. 2. Teatro em comunidades . 3. Processo colaborativo . I. Marques , Fernanda II. Penoni, Isabel , orient. III. Título.